



Jvett

CASINO
INVITEE
RENO HILTON

#PraCegoVer

Jefferson Virgílio*

Quase sem saber, pude vislumbrar um momento futuro. Não comprei bilhetes ou me movimetei no espaço. Então, não sei se viajei. E não paguei por isso, apenas permaneci de olhos encerrados, deitado em posição desconfortável. Me consumiu preparações psicológicas, sociais e intelectuais por anos até o fenômeno se manifestar. Tive de ficar longe de terapeutas, vivendo numa sociedade que é distante da minha e investindo uma década em leituras na ciência que fala sobre cultura enquanto é incapaz de a conceituar. Descontadas as horas laborais e o tempo diário do lazer e do prazer, sobraram poucas horas neste dia, que foram utilizadas em transferências até o momentâneo sentido. Me recorde de segundos no local e de metros no tempo. Ao concluir o primeiro passo, instintivo, surjo em frente à loja que comercializa produtos antigos numa avenida com pouco fluxo de gente ou veículos. Não identifico sons ou movimentos, seja de pessoas, atividades ou de veículos. Logo, não era uma fictícia metrópole futurista cosmopolita e tampouco um polo industrial em franca decadência umas décadas após outra guerra sustentável. As cores são poucas e previsíveis, expiradas de clássicos cinematográficos. Ao procurar algo no ar vislumbro a intervenção artista, que na hora aparece como letreiro simples, pois não sabia quando estava. Esteticamente é similar com os outdoors de tempos modernos, porém dotada de recursos tecnológicos sofisticados. Uma projeção suspensa, escrita, com tipologia padrão, Times ou Arial. Próximo da mal-dita holografia. É difícil etnografar o tanto (algum dirá tão pouco) que observo, mas a mensagem se reproduz em língua inglesa. A primeira frase me é revelada fixa, integralmente em fundo branco opaco e com fonte preta, não precisamente nestas palavras: “*Today we can buy original art pieces from the year 1050 for 60 bucks.*” Seriam as peças produzidas há exatos mil anos atrás? Então estive em 2050? Ou atualizaram o erro de Willard F. Libby, que em 1949 decide que o presente será eternamente o ano de 1950? Creio que não saberemos por enquanto. Há então uma transição para a primeira parte da segunda oração, com o texto deslizando em movimento para a esquerda, facilitando-forçando a leitura: “*Or buy the latest Le Monde Diplomatique.*”. Tive a impressão que não tardará até que a versão digital do jornal custará o mesmo que uma peça de arte antiga, indicada ali com os seus mil anos de existência. Aquilo que hoje, ou no passado, pode ter sido considerado arte já não terá este reconhecimento ou nem mesmo o esforço ou valor de seu saque. Mas assim como Jaider Esbell nos lembra que a arte contemporânea indígena não é o mesmo que arte indígena contemporânea, é possível que a compreensão no futuro das artes feitas de seu passado seja distinta da contemplação no passado das artes feitas em seu futuro. O que chamamos de arte parece até estar disposta para uma não-venda em um mercado de quinquilharias numa rua já sem sinais de qualquer urbanidade. Ao chegar ao final da mensagem, logo após a vírgula, as variações estéticas e de movimentação não se findam, o texto altera para cores douradas, com efeitos 3D, apresentando fundo e sombra, e após um movimento de rotação horizontal completo em 180 graus, vai revelando uma palavra por vez, do trecho “*and have nine hours of entertainment.*”. Então permanece girando em seu próprio eixo verticalmente uma imagem genérica de engrenagem

* Antropólogo. E-mail para contato: jv.ufsc@gmail.com.

funcionando. Ou seja, aquilo que na altura for o mais alienante possível será tido como lazer, extinguindo o prazer da leitura. E ainda estaremos atualizados sobre o que o órgão orwelliano nos diz que é verdade. A onipresença de língua inglesa também me fez refletir imediatamente sobre, rememorando previsões das distopias com uma língua hegemônica, li o inglês, mesmo com os receios de muitos de que haja imposição de 中文. No passado sei que Ελληνικά e فارسی, el español, a latina, além de العربية já atuaram como motores de expansões linguicidas. Ainda que muito pareça patológico, percebo algo de positivo sobre-vivendo. E não sendo positivo como proposto por Augusto Comte. Há outra forma de arte que re-existe, se apropriando de tecnologias, tanto i-materiais da holografia, como as i-deontológicas, ao quase obrigar uma leitura crítica, quiçá emancipadora, que é mantida além dos limites internos da caverna de Platão. Infelizmente não consigo continuar a caminhada. Desperto atordoado no retorno, tendo a percepção de achar algo que não concebi que pudesse existir. Tento em vão consumir tempo pra buscar entender o que vivenciei. E outro tanto até decidir tentar de-escrever a meta-alegoria. Poderia incluir um punhado de notas de rodapé, seja para tornar nítido que a hashtag no título não legitima ou incentiva o capacitismo, seja para trazer as referências necessárias que auxiliem o novíssimo padre baloeiro que se opõe ao uso de um equipamento básico de GPS para navegar com segurança e com ciência por ares desconhecidos. Mas se René Magritte pôde propor que "*Ceci n'est pas une pipe.*", deve ser legítimo deixar claro que isto tampouco pode ser uma obra de arte. Não sendo uma arte, especialmente conceitual, é merecido esclarecer do que falamos sem rodeios: Ora, da transcrição de uma profecia. Uma profecia crônica.